



REVISTA INTER-LEGERE
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

AS TIPOLOGIAS HUMANAS NA OBRA DE GILBERTO FREYRE: APENAS UMA NOTA DE PESQUISA

HUMAN TYPOLOGIES BY GILBERTO FREYRE: A FEW REASERACH NOTE

Anderson Cristopher dos Santos¹

RESUMO

O presente trabalho é uma nota de pesquisa, dedicada ao estudo das tipologias raciais dispostas no pensamento do sociólogo Gilberto de Mello Freyre (1900-1987), bem como a articulação desta com a narrativa de integração nacional que a obra gilbertiana deslinda. Esta pesquisa visa à obtenção do grau de mestre, em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PALAVRAS-CHAVE: racismo; unidade nacional; Gilberto Freyre.

O texto, a seguir, é uma nota sobre a pesquisa *Homo brasiliensis – os brancos, os negros e os morenos em Gilberto Freyre*, a resultar numa dissertação, visando obter o grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN), sob a orientação do professor doutor Edmilson Lopes Júnior.

Conforme o indicado no título da dissertação, seu mote é o estudo dos *tipos humanos*, estipulados na obra do escritor e sociólogo Gilberto de Mello

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bolsista do CNPq.

Freyre (1900-1987). Estas tipologias, articuladas, formulam o conceito de *mentalidade nacional* presente na obra deste sociólogo, evidenciando a indissociabilidade entre os tipos e a narrativa histórico-social. A pergunta de partida é a seguinte: *qual é a relação entre o racismo brancos/negros e a integração nacional que se observa na obra de Gilberto Freyre?*

De acordo com esta pergunta de partida, é conveniente esclarecer quais são as conotações dos conceitos *racismo* e *integração nacional*.

Por *racismo*, compreende-se a narrativa que estabelece os tipos humanos e como estes tipos interagem, transformando-se, portanto, em *categorias sociais* cujo lastro significativo é o *fenótipo*. Esta narrativa é uma *instituição*, no sentido cultural, que cria a concepção de “raça” entre os seres humanos, numa reflexão *naturalista*. Pode ou não um racismo integrar-se a *instituições de Estado*, como se conheceu no conjunto de leis do *apartheid* sul-africano, ou do *Jim Crow* estadunidense.

No âmbito de uma reflexão teórica, o racismo é um *pressuposto lógico*, ou mais, uma *ontologia*.

Por *integração nacional*, compreende-se a construção ideológica de um Estado, sem a qual não há a constituição de uma nação que seja concomitante com o território de um país. A *integração nacional* é a versão brasileira para o *national building* estadunidense, mas não significa o mesmo que este segundo, porque o primeiro oferece uma *unidade sistêmica*, as instituições são *reativas*, enquanto o segundo oferece uma *unidade hegemônica*. Somente pode ser entendida esta distinção a partir da definição de um outro modelo de *esfera privada* e *esfera pública*, acordado com a história social do Brasil, o que significa modificar aquele que é o pressuposto mais caro à sociologia e à ciência política. Isto não elimina o pressuposto de que a modernidade é uma concepção ideal, ou antes, *idealista*. Mesmo nos Estados Unidos da América, sua institucionalização ocorreu *seletivamente*.

De alguma forma, a dissertação tem por objetivo não apenas pensar a realidade brasileira, mas a sociologia do país, de uma maneira tal que não pode ser considerado distante do domínio da *sociologia do conhecimento*.

Apesar de ter sido Freyre um autor cuja obra foi criticada por repousar numa hipotética visão a partir da casa-grande para a senzala, nesta dissertação reconhece-se que a sociologia é uma ciência ensinada apenas no *locus* senhorial.

Evidentemente, uma empresa como esta é apenas iniciada em uma dissertação de mestrado, não se encerrando tão cedo.

Identificamos duas vias para o *reconhecimento* da sociologia nacional em sua integridade mundial, que parecem germinais: o estudo das *tecnologias de controle do corpo*; e o estudo das *relações públicas e privadas*, de acordo com a elaboração histórica de outro tipo destas esferas, o que solapa o *pressuposto* das sociologias vigentes. São estes estudos integrados, pois, como demonstrara Michel Foucault, as técnicas de controle do corpo elaboradas na modernidade correspondem a uma instituição de Estado extremamente voluntariosa, pró-ativa. Esta concepção de Foucault é também demonstrada por teses marxianas, como a de Gramsci, sobre *hegemonia*. Em comum, uma elaboração sobre a esfera privada, constituída para concorrência capitalista, opondo comunidade e sociedade.

O estudo do *racialismo* de Gilberto Freyre é articulado com a idéia de *unidade nacional* por se tratar de um autor-chave para o reconhecimento moderno de um país que conheceu o mais vigoroso processo de desenvolvimento capitalista no século vinte, entre as décadas de 1930 e 1970. Mais que isto, é um conjunto de tipologias que somente podem ser compreendidas quando se nota o elemento *ecológico* que molda a teoria freyreana. A formação do estudo sobre as raças, em Gilberto, segue a noção de *homem situado* e a de *ecologia social*. Seguindo próximo, assim, da equação de Benedict Anderson (uma língua = um povo = uma raça = uma nação), formulando de maneira integrada e num momento histórico fortuito (o Brasil entre guerras mundiais), a *mestiçagem* como a característica do sujeito brasileiro. Sua raça tornou-se uma não raça. Antes de Gilberto Freyre, o *hibridismo*, enquanto mácula fundamental, foi interpretado como a causa para o periferismo do Brasil, apesar de seu território estar dentre os mais vastos e possuir muitos recursos naturais. A interpretação do escritor e sociólogo, ora

estudado, segue a uma ampliação do mestiço, segundo Sílvio Romero (1851-1914), assim como o foi para o reconhecimento do elemento português de Oliveira Vianna (quinhentista e seiscentista), visto como plástico, para a formação desta característica nacional, além da participação do negro para o mesmo préstimo, denominando-os “co-colonizadores” do país. As conclusões de Romero, constrangidas pelo aspecto mestiço do seu país, são substituídas por uma outra, freyreana, que encontra nesta mestiçagem uma vantagem para o país.

Como sociologia do conhecimento, não se pode deixar à margem o fato de que, desde a regência de Dom Pedro II, integraram-se os intelectuais aos quadros do Estado brasileiro, que foram naquela ocasião jovens como o era o Príncipe-Regente. Joaquim Nabuco (1849-1910), notório personagem do liberalismo no Brasil, denominou esta passagem histórico-sociológica como *neocracia*. Claro que, desde então, o acesso à educação transformou-se em algo estrutural para a eleição ou contratação de um indivíduo nos cargos de Estado ou de governo. Desta forma, os filhos da aristocracia, que estudavam então na Europa, assumiam os cargos outrora pertencentes aos pais. Foi o período inicial da tomada do Estado pelos *bacharéis*. Além da educação escolar, houve um processo de *aculturação* característico, tendo sido, segundo Gilberto Freyre, o elemento diferenciador entre os novos mandatários regionais e os nacionais, e os demais brasileiros. Este fenômeno teria sido iniciado com a vinda de Dom João VI ao Brasil (1808), trazendo em suas embarcações os elementos europeus de *alta cultura*, deslocando os *elementos orientais* do primeiro plano. Anteriormente à invenção do Império de Portugal, Brasil e Algarves, seria a colônia brasileira uma verdadeira *Rússia americana*, uma *China tropical*. Interpretamos que a instalação de um Estado, em 1808, representou o primeiro esforço de se elaborar um projeto hegemônico para o governo do território nacional brasileiro. Até esta época, a colonização deu-se pelo adágio *crescei e multiplicai-vos*, pela pluma d’el Rey, *casarem-se e multiplicarem-se*; mestiçagem, quando ausente a mulher branca, a européia.

De qualquer forma, nem a instalação do pensamento positivista no Brasil foi capaz de criar um Estado hegemônico, mas a formação positivista foi

integrada à formação militar, que se julgou, desde a guerra do Paraguai (1865-1970), como a única força capaz de impor a hegemonia (compreendida como a ordem e a segurança) no país. Esta sanha de poder foi persistente e atuante, desde a queda do Império (1889), até o processo de redemocratização, em 1985.

Existe um desafio de natureza metodológica neste trabalho, que é retratado genericamente nesta nota. Ela já foi intuída quando fizemos referência à articulação das tecnologias do corpo com a criação de uma esfera pública, em oposição à esfera privada, criando a *dicotomia Estado e povo*.

Sendo uma dissertação a exercitar a sociologia do conhecimento, ocorre o problema de articular o pensamento do autor com a reflexão sobre a criação de categorias sociais, que não são compreensíveis sem a intermediação da recepção da tese freyreana pela intelectualidade do país. Além disso, repousa a dúvida sobre o que se entende como sociologia do conhecimento.

Compreendendo a sociologia como a *ciência que estuda os processos e dinâmicas de restrições interpessoais*, a sociologia do conhecimento é a *articulação das categorias sociais e intelectuais com a formação de espaços simbólicos*. Trata-se, portanto, de uma concepção que age como *pressuposto analítico*, cuja ordem é dotar o estudo de um fio condutor. O limite entre descrição e prescrição está na *ontologia de liberdade*, possibilitando a reprodução e a ruptura de um pensamento.

Pode-se dizer que é um trabalho de exercício da sociologia do conhecimento, não de auto-reflexão. Porém, como característica deste setor disciplinar, a dialética está implícita.

São estudadas três obras de Freyre: a obra-prima e clássico universal *Casa-Grande & Senzala* (1933); *Sobrados e Mocambos* (1936); e *Novo Mundo nos Trópicos* (1971). Vêm sendo produzidas três monografias, uma estudando cada livro, observando os elementos de influência, a tese e a recepção desta.

A ontologia da liberdade nota as tipologias adotadas como pressupostos ou conceitos e as dispõe. Esta disposição cria espaços simbólicos.

Gilberto Freyre surge como o mais influente sociólogo para a vida social brasileira, no século vinte, e o estudo de sua obra, em si, é um exercício de se

pensar o pensamento e o pensado, bem como a modificação na realidade após a elaboração de uma narrativa.

Os estudos sobre os tipos humanos, no Brasil, são recorrentes, formulados num pensamento social que oferece um grande arsenal interpretativo para um único país, como Octavio Ianni identificou. Mas este proeminente sociólogo brasileiro esqueceu o elemento inautêntico que adquire muitas destas teorias à realidade nacional, descompasso que ainda formula uma verdadeira corrente autodepreciativa de estudos sobre o Brasil.

Posterior à obra de Gilberto Freyre, que trouxe a *integração nacional ao nível cultural*, elaborou-se, no circuito paulista de sociologia, uma *integração nacional ao nível econômico*, conforme a temática do racismo é abordada no livro clássico *A integração do negro na sociedade de classes*, de autoria de Florestan Fernandes.

A obra dos *brasilianistas*, além da formação de intelectuais em metodologias estadunidenses, como Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, fizeram permanecer a temática racial no centro das discussões do Pensamento Social Brasileiro. A ascendência da tipologia freyreana soou para estes trabalhos como um fantasma, não apenas sobre a possibilidade científica da utilização da categoria “raça,” como também a sua procedência para os estudos da sociedade brasileira, ao menos como uma variável com alto poder de análise.

A análise das relações humanas na obra de Gilberto Freyre leva-nos a uma hipótese: com o processo modernização do Brasil, iniciado a partir de um projeto hegemônico em 1808 (inautêntico, que fazia distinção entre valores locais e europeus, denominado por Gilberto como “europeização”), as relações interpessoais passaram a se guiar no compasso de um individualismo, permitindo uma *reflexividade estética*. Daí a descrição de Freyre sobre a possibilidade de um negro se *branquear*, desde que investido de valores europeus. Deve-se fazer uma distinção entre individualismo e *individualismo*, considerando este segundo sob a ótica do que se denomina *habitus secundário*, a pedagogia de valores da cidadania, em seus contornos modernistas.

Acreditamos que este trabalho convirja para um debate atualmente crucial para a sociologia brasileira, sua elaboração, seu discurso ao mundo (*Brasilis et orb!*): o estudo das relações interpessoais, inclusive investigando até aonde a mestiçagem obedece a uma ordem cosmopolita e até aonde segue uma força assimilacionista.